

Nota sobre a trajetória de Gramsci na América Latina

MARCOS DEL ROIO*

Com exceção de alguns lugares bem determinados, o nome de Gramsci era quase desconhecido na América Latina até poucas décadas atrás, e as poucas referências eram para lembrar mais uma vítima do fascismo. A lenta penetração de Gramsci na América Latina começou pela Argentina, quando já em 1950 Hector Agosti fez publicar *As cartas do cárcere*. Depois do XX Congresso do PCUS, o ambiente político e cultural ficou mais propício a enfoques teóricos mais diversificados e a análises concretas das situações histórico-sociais. A rica elaboração teórica do PCI de Palmiro Togliatti, ainda em 1956, com a sua tese sobre *A via italiana ao socialismo*, contribuiu também para que a obra de Gramsci pudesse se projetar para além das fronteiras de seu país e do próprio movimento comunista que girava em torno da URSS. O mesmo Agosti e o grupo Pasado y Presente, que publicaram a edição temática dos *Cadernos do cárcere* a partir de 1958, foram excluídos do Partido Comunista em 1963.

No Brasil, Gramsci era conhecido por alguns intelectuais socialistas “anti-stalinistas”, como Antonio Candido, Otto Maria Carpeaux e o jovem Michael Löwy. Por outro lado, como produto da abertura do debate no seio do Partido Comunista Brasileiro, surgiu a revista *Estudos Sociais*, sob a direção de Astrojildo Pereira. Principal fundador do PCB, Pereira se correspondia com Agosti e decerto também conhecia Gramsci. Ainda no PCB, jovens intelectuais como Leandro Konder e Carlos Nelson Coutinho, principalmente, endereçaram o seu interesse a Gramsci, mas também a Georg Lukács. A partir de 1966, o editor Ênio

* Professor de Ciências Políticas da Unesp-FFC.

Silveira, da Civilização Brasileira, ligado ao PCB, passou a publicar os escritos de Gramsci, começando por *As cartas do cárcere*. A publicação da edição temática dos *Cadernos*, que ocorria rapidamente, foi truncada pelo aprofundamento da ditadura militar em fins de 1968, quando já haviam sido publicados cinco livros.

O Gramsci que chega lentamente à Argentina e ao Brasil alimenta o debate em torno da construção do povo/nação, da questão do nacional-popular. Nos anos 1970, em particular no Brasil, ocorre uma explosão de interesse pela obra do italiano. Isso se explica pelo aparecimento da edição crítica organizada por Valentino Gerratana, pelo forte crescimento do PCI, com a experiência eurocomunista, mas também pelo crescimento da resistência democrática no Brasil. Os temas da democracia, da guerra de posição, da hegemonia e dos intelectuais prevalecem nesse novo momento. Os livros de Gramsci, editados nos anos 1960, ganharam nova edição e muitos textos de dirigentes e intelectuais próximos ao PCI foram publicados no Brasil.

Militantes exilados e outros que permaneceram no Brasil se esforçavam para renovar o PCB em torno das ideias de Gramsci, conforme essas eram lidas pela direção do PCI. Aguda luta interna provocou a dispersão dessa vertente política, entre 1981 e 1983. No entanto, a direção do PCB que restou foi aos poucos também incorporando a linguagem gramsciana, mas de modo claramente instrumental. O ápice do movimento da Teologia da Libertação serviu também de entrada para o uso do nome de Gramsci no Brasil (e na América Latina), além de correntes marxistas que preferiram valorizar o Gramsci da época do *L'Ordine Nuovo*, criando uma falsa contraposição entre o Gramsci “jovem” e o “maduro”. Outro foco de difusão do pensamento de Gramsci foi a universidade, num momento de ampla mobilização dos intelectuais contra a ditadura. Expressões mal digeridas do universo categorial de Gramsci caíram no senso comum, como sociedade civil e hegemonia, por exemplo.

Na Argentina, devido à situação política a partir de 1975, desde as vésperas da instalação da brutal ditadura militar, não se podia mais tratar de qualquer marxismo. No entanto, José Aricó e Juan Carlos Portantiero, dois intelectuais que foram ligados a Agosti, preservaram o legado gramsciano naquelas paragens e ajudaram para que se difundisse alhures pelo continente, principalmente o México, onde as condições políticas e culturais eram mais favoráveis. Ainda no México, Gramsci ficou inicialmente conhecido por meio de Althusser e Poulantzas, que fora também outra porta de entrada do pensamento do revolucionário sardo no Brasil.

Na Itália, como se sabe, Norberto Bobbio venceu o debate que travou com uma gama de intelectuais comunistas na década de 1970. Bobbio colocou à luz do dia toda a ambiguidade da formulação política do PCI de Enrico Berlinguer, cuja estratégia se orientava pelo alargamento da democracia burguesa como via possível ao socialismo. Com essa estratégia também vinha a lume determinada leitura de Gramsci e do próprio Karl Marx. Os comunistas italianos não conseguiram afirmar algo tão simples como a existência de uma teoria negativa do Estado

e da política em Marx e no marxismo (inclusive de Gramsci), quando Bobbio (como bom neokantista) dizia não existir qualquer teoria política no marxismo. Essa derrota ideológica coincidiu com a crise orgânica do PCI, que culminou com a sua extinção em 1991. O interesse e a influência de Gramsci começaram então a declinar na própria Itália.

Assim como na Itália, também no Brasil os liberais passaram à ofensiva. A crise orgânica do PCB, sua perda de rumo e sua ânsia por seguir os descaminhos do PCI levaram à dispersão política final daqueles que tinham em Gramsci uma referência essencial. Gramsci sobreviveu ainda por um tempo no Partido dos Trabalhadores, mas logo seus defensores se bandearam para Bobbio e Jürgen Habermas. Na universidade, Gramsci deixara de ser moda e sobreviveu apenas em alguns nichos. Agora quem entrava em cena triunfante eram os mesmos Bobbio e Habermas, que arrastavam consigo um número nada desprezível de antigos arautos de Gramsci e do marxismo. No movimento político, Gramsci foi vulgarizado como nunca; na academia, foi dissecado por intelectuais liberais. O cenário ideológico da implantação da contrarreforma liberal que varreu o Brasil e a América Latina estava posto.

Os anos 1990 foram como a parte pior da travessia do deserto. Com a desintegração da experiência do socialismo de Estado na URSS e na Europa Oriental, houve um deslocamento cultural e político notável da maioria das organizações de esquerda na América Latina. O marxismo parecia um cadáver prestes a ser sepultado e Gramsci sobrevivía palidamente, mas desde que fosse feita dele uma leitura reformista ou mesmo liberal.

No final daquela década, o sindicalismo e os partidos políticos de esquerda estavam subordinados à nova ordem, economicamente “neoliberalista” e politicamente neoliberal, ditada pelo globalismo. Não contavam mais com uma orientação teórica e estratégica que concebesse a saída do capitalismo. A resistência frente aos Estados neoliberais, marcados pela arrogância das classes dirigentes, veio dos chamados movimentos sociais que se formaram e se fortaleceram por todo o continente.

Mas Gramsci, apesar de tudo, continuou sendo publicado e estudado quase que nas sombras. O destaque mais uma vez ficou por conta da edição brasileira dos *Cadernos do cárcere*, organizada por Carlos Nelson Coutinho e publicada a partir de 1999 até 2004, a qual, ainda que incompleta, passou a oferecer um material de leitura e pesquisa muito mais confiável e atraente. Em outros países, Gramsci também passou a ser lido e visto com interesse como fonte de pensamento revolucionário útil para a luta social e política que voltava a ser travada pelas classes subalternas. Em Cuba, passou a ser visto com simpatia principalmente depois da grave crise que se desencadeou com o fim da URSS, considerando a necessidade de se elaborar teoricamente as indispensáveis mudanças no país. Em países que vivem importantes processos de transformação social e política, como Venezuela, Equador e Bolívia, Gramsci passou a ser fonte de estudo e reflexão;

ele também volta a se fazer mais presente no Brasil, Argentina e México até em ambientes antes insuspeitos.

Hoje, o vínculo de Gramsci com a América Latina é mais amplo e difundido e não é patrimônio exclusivo de alguma vertente ou organização política, mas o mais significativo é que passa a fazer parte do patrimônio dos movimentos sociais – Nesse caso, deve-se entender por movimentos sociais os sujeitos que colocam em andamento o processo de construção dos trabalhadores como classe. Portanto, Gramsci é novamente útil para a ação política transformadora.

As referências do próprio Gramsci sobre a América Latina são poucas, mas pertinentes. Mas é indiscutível que a obra do itatiano traduzida para a realidade plural da América Latina conta com um poder explicativo intenso e que estimula a reflexão sobre realidades sociais complexas e dinâmicas, contribuindo com a própria ação política revolucionária. Pode-se dizer que a América Latina é uma realidade que tem uma complexidade regional, étnica, cultural e político-econômica da qual pode ser extraída alguma analogia com a península italiana. Essa analogia encontra-se na dinâmica entre centros e periferias que se refazem o tempo todo, vínculos de dependência com o exterior, poderes que se reproduzem indefinidamente e irrupções de modernidade.

Se nos anos 1970 predominou a assimilação de um Gramsci eurocomunista preocupado essencialmente com a questão democrática, hoje o Gramsci preocupado com a autoorganização das massas populares é o que ganha campo. Seu universo categorial continua sendo de extrema utilidade na interpretação e na elaboração programática, mas ganham significados diferentes. Decerto, bloco histórico e revolução passiva, hegemonia e reforma moral e intelectual são temas para entender o processo histórico e para projetar a revolução socialista no continente.